

História Unisinos

E-ISSN: 2236-1782

efleck@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Catarina Zanini, Maria

Escrever, publicar e memorar: a literatura produzida por descendentes de imigrantes
italianos no Rio Grande do Sul

História Unisinos, vol. 18, núm. 2, mayo-agosto, 2014, pp. 378-391

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=579866789007>

Escrever, publicar e memorar: a literatura produzida por descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul

Writing, publishing and constructing memories: The literature produced by descendants of Italian immigrants in Rio Grande do Sul State (Brazil)

Maria Catarina Zanini¹

zanini.ufsm@gmail.com

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar de que forma a escrita tem sido utilizada como instrumento reflexivo, de resistência e de expressão identitária e cultural entre descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (Brasil). Essa prática teve seu início nas últimas décadas do século passado e tem se proliferado quantitativa e qualitativamente, acompanhando a ascensão econômica, social e política dos descendentes. Por meio de pesquisa etnográfica e documental realizada entre eles, pôde-se conhecer e analisar a dimensão desse processo, que cresce entre indivíduos integrantes tanto do mundo rural quanto do urbano, bem como de distintos gêneros e classes sociais. Neste artigo, em especial, enfocarei o processo de produção escrita e sua reflexividade, assim como os pertencimentos presentes nos processos narrativos.

Palavras-chave: literatura de descendentes, italianos, memórias, reflexividade, identidade étnica, resistência cultural.

Abstract: This article aims to examine how writing has been used as a reflective instrument of resistance and cultural identitary expression among descendants of Italian settlers in Rio Grande do Sul State (Brazil). This practice had its beginnings in the last decades of the last century and proliferated quantitatively and qualitatively following their economic, social and political rise. Through ethnographic and documental research among these descendants, we can get to know and analyze the dimensions of this process that grows both among individuals from rural and urban areas as well as among different genders and social classes. In this article in particular I will focus on the written production process and its reflexivity as well as on the belonging present in the narrative processes.

Keywords: literature descendants, Italians, memories, reflexivity, ethnic identity, cultural resistance.

¹ Professora da Universidade Federal de Santa Maria.

Desde os festejos do centenário da colonização italiana no Rio Grande do Sul (Sul do Brasil), em 1975, os descendentes de imigrantes italianos do estado têm tornado públicos seus escritos, permitindo que sejam partilhados por outros descendentes e, também, por um grupo cada vez mais amplo e diversificado de leitores. Trata-se de escritos extremamente ricos, do meu ponto de vista, não por seu valor estético, mas, sim, pelas experiências, pelas trajetórias e pelos significados que apresentam e tecem por meio das narrativas ali expostas. De pequeno ou grande formato, de poucas ou muitas páginas, eles se mostram portadores de grande criatividade e originalidade, poucas vezes encontradas entre pessoas comuns que se tornam escritoras. Alguns desses descendentes são escritores de uma única obra; outros, ao assumirem o gosto pela escrita, investem mais vezes no processo criativo e editorial. Nenhum deles, contudo, mantém-se economicamente por meio da publicação de seus escritos. Ou seja, a escrita não é uma atividade econômica ou profissional, mas sim uma prática que adquire significado por meio do processo que envolve sua produção e circulação.

Esses escritos versam sobre histórias de famílias e lugares, biografias particulares, receitas culinárias, poesias, cantos e hinos, casas, entre outros temas. Há também os de ficção e aqueles que pretendem deixar registros do dialeto *talian*². Porém, sua grande contribuição é o fato de que, de uma forma ou de outra, são produzidos levando em conta o universo da origem italiana de seus escritores, seja ele rural ou urbano. É partindo de uma linguagem de pertença que estruturam e tecem suas narrativas, desde suas ancestralidades até suas próprias trajetórias. Compreendo os descendentes de italianos no Rio Grande do Sul como grupos étnicos no sentido de que se percebem e são percebidos como distintos de outros grupos (Barth, 2000), elaborando sinais diacríticos acerca de sua pertença e possuindo a crença partilhada de uma origem comum (Weber, 1994), por meio da qual organizam sua distintividade e coesão, seja em discursos ou em práticas. Essa origem estaria alicerçada no processo migratório da Itália para o Brasil vivenciado por seus antepassados no final do século XIX e início do século XX.

As obras escritas aqui analisadas são, em sua quase totalidade, financiadas com recursos próprios e revelam, em seu processo de edição, algo extremamente importante, que é o valor atribuído às origens e à ancestralidade, bem como os esforços que podem ser feitos em nome de tal valorização, pois alguns desses escritores não são pessoas com alto poder aquisitivo e nem com experiência editorial. Para eles, tal investimento se reveste de uma força social e simbólica ímpar. Se considerarmos o mercado editorial no Brasil e a história do livro (El Far, 2006), veremos que tal

processo adquire um peso simbólico e político ainda mais significativo. Nesse campo (Bourdieu, 1983, p. 89), com certeza, serem agentes de suas próprias demandas e financiadores de si mesmos traz algumas vantagens, ao menos do ponto de vista narrativo, simbólico e valorativo grupal.

Entrei em contato com o universo literário produzido por descendentes de imigrantes italianos em 1997, durante a realização de pesquisa etnográfica entre descendentes urbanos na cidade de Santa Maria, cidade localizada na região central do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, momento no qual realizava meu doutoramento. Era fato comum eu ser presenteada com escritos elaborados pelos próprios descendentes ou por seus familiares. Tais escritos eram impressos na forma de livros, livretos ou folhetos, que eram impressos em quantidades muito pequenas (dezenas) por vezes. Em muitas ocasiões, eles me eram apresentados para atestar que aquilo que eu havia ouvido nas entrevistas era legítimo, pois estava escrito. Havia produções em português, vêneto, friulano, *talian*, italiano clássico, sendo algumas bilíngues. A variedade na qualidade das edições (gráficas, de impressão e mesmo de escrita) também era algo constante.

Desde 1997, pesquisei, continuadamente, os descendentes de imigrantes italianos na região central do Rio Grande do Sul, e cada retorno ao campo etnográfico me revela novidades relacionadas às novas publicações e aos escritos destes. Penso, como Hoem (1994), contudo, que o estudo dos textos literários deve estar acompanhado de pesquisa etnográfica que permita conhecer o potencial da autorreflexividade e das tensões neles apresentadas. Ou seja, antes conheci os descendentes e com eles convivi. A literatura entrou em minha pesquisa por meio deles e do valor que a ela atribuíam. Conhecer o mundo do outro é sempre um exercício interpretativo limitado, e a escrita deste, igualmente, deve ser observada como uma tradução possível do vivido e não necessariamente como sua expressão acabada. Como ressalta Crapanzano (2004), a escrita, como experiência imaginativa, possui seus limites de expressão. No caso por mim estudado, esses limites eram decorrentes, em algumas situações, dos escassos recursos técnicos de linguagem que esses escritores possuíam, o que, do meu ponto de vista, em nada desmerece tais escritos.

Não se trata de uma produção literária que possa ser generalizada e nem avaliada do ponto de vista estético. Os acabamentos gráficos e de linguagem assim como o tamanho e o teor dos escritos são altamente variáveis, permitindo que se possam observar outras clivagens por meio deles, tais como o gênero dos escritores, sua classe, sua profissão, seu estilo de vida, sua geração, seu nível de instrução e sua capacidade de redação, entre outros

² *Talian* é a coiné derivada do encontro dos dialetos dos imigrantes com o português.

aspectos. Grande parte dos escritos por mim analisados poderia ser considerada etnotextos no sentido a estes atribuídos por Santos (1995, p. 39), para quem o etnotexto é aquele que “...designa o discurso que um grupo social, uma coletividade elabora sobre sua própria cultura, na diversidade de seus componentes e através do qual reforça ou questiona sua identidade”. Com certeza, a reflexividade e o alargamento narrativo proporcionado por esses escritos é algo extremamente relevante e ainda pouco estudado entre os descendentes de italianos no Rio Grande do Sul. Tais produções têm permitido e potencializado um processo constante de construção de memórias e de revitalização identitária na região. Por memória, comprehendo, conforme Halbwachs (1990), leituras acerca do passado realizadas no presente e mediadas pela situação social dos memorialistas. Os escritos podem ser considerados, igualmente, conectores entre arte e vida coletiva na medida em que potencializam o plano semiótico da existência, materializando “uma forma de viver” (Geertz, 2000, p. 150). Tal materialidade se expressa em palavras, frases, parágrafos que, ao serem editados e publicados, dão forma a um mundo específico que circula entre os descendentes. Nesse sentido, posso me permitir dizer que, ao manusear, interpretar e analisar esses escritos, estou fazendo, no entendimento de Geertz (2000, p. 179), uma etnografia dos veículos que transmitem significados³.

Essa variedade literária me levou a desenvolver o projeto de pós-doutorado denominado *Versões migrantes: um olhar antropológico sobre a literatura produzida por descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul*, executado no Museu Nacional (MN-UFRJ) durante os anos de 2007/2008⁴. Entre as questões norteadoras de tal pesquisa, estava a necessidade que sentia de compreender esses escritos no processo de trânsito e clivagem entre identidades e produtos literários, como proposto por Archetti (1994, p. 14). Perguntava-me, igualmente, o que poderia a escrita fazer ao escritor que ali traduzia a si mesmo em palavras (Gullestad, 1994), ainda que, por vezes, os recursos linguísticos não fossem fartos e que a tarefa de elaboração de um texto não fosse fácil e cotidiana. Alguns desses livros levaram anos para serem escritos e

foram investimentos familiares, derivados de pesquisas e de esforços econômicos e de tempo coletivos.

Das experiências traduzidas na forma de texto, eu também queria conhecer a complexidade criativa (Crapanzano, 2004), mesmo sabendo que a escrita é limitada e cerceada por regras de expressão e de funcionamento, que podem resultar inoperantes diante da riqueza das experiências vividas ou ouvidas (dos antepassados). Apesar dos valores estéticos variáveis, todos os textos por mim pesquisados e analisados (mais de 300)⁵ estavam repletos de construções portadoras de significados. Esse montante de obras foi sendo por mim classificado conforme o período da publicação, a região de colonização, se produzido por homens ou por mulheres, se ficcional (estes são muito poucos) ou não, entre outras distinções. Para fins deste artigo, selecionei aquelas obras que remetiam à escrita em si, bem como ao papel desta na construção dos imaginários pessoais traduzíveis em palavras, enfocando, especialmente, aspectos relativos aos pertencimentos identitários das trajetórias dos escritores. Devo confessar que as selecionei, também, por uma questão de gosto narrativo, por ter empatia com tais obras. Os escritos aqui presentes promoveram em mim, como descendente de italianos e sua leitora, encontros e desencontros reflexivos. Com certeza, há muitos outros escritos que poderiam, igualmente, contemplar tais leituras, contudo, por uma questão pragmática e pessoal, foram estes os selecionados para compor este artigo.

O início das publicações analisadas é 1975 (após os festejos do centenário da imigração italiana no estado), a partir de quando, de fato, estas crescem e assumem um papel importante na vida dos descendentes. Como são várias as editoras e gráficas que publicam tais escritos, não é possível efetuar uma estatística precisa acerca do universo total dessas publicações. Eu trabalho com as obras que consegui mapear e guardar em meu acervo pessoal, obtidas por meio de doação, aquisição ou cópia de originais. Há muitas obras que, infelizmente, mantêm-se no nível doméstico e não são sequer conhecidas fora de seus círculos de convivência⁶. Há outras, no entanto, que se tornam *best sellers* locais e são consumidas alargadamente, tornando-

³ Ressalta o autor: “Afinal de contas, não é só com estátuas (ou pinturas, ou poemas) que temos que trabalhar, mas sim com os fatores que tornam esses objetos importantes – melhor dito, que “afetam” de maneira importante aqueles que os fazem ou possuem – e esses são variáveis como a própria vida” (Geertz, 2000, p. 180).

⁴ Agradeço ao CNPq o auxílio financeiro à minha pesquisa. Ela foi desenvolvida sob orientação da professora Giralda Seyerth.

⁵ Em meu acervo, conto com cerca de 500 títulos (até o momento, no ano de 2013). A editora EST Edições, de Porto Alegre-RS, possui, em seu catálogo, vários dos livros que utilizei em minha pesquisa (<http://www.esteditora.com.br/>). No Rio Grande do Sul, não se pode deixar de mencionar o nome de Frei Rovilho Costa, responsável pela EST Edições, que muito estimulou e coordenou publicação e a divulgação de tal produção nas últimas décadas. Ele e Luiz Alberto de Boni foram responsáveis pela organização de três volumes sobre a presença italiana no Rio Grande do Sul e no Brasil (De Boni e Costa 1982, 1990, 1996), que agregaram pesquisadores de imigração italiana do país todo. Além disso, algumas editoras universitárias localizadas em zonas de colonização italiana do estado também publicaram estudos acadêmicos e/ou escritos dos imigrantes italianos e de seus descendentes (UCS - Universidade de Caxias do Sul; UPF - Universidade de Passo Fundo; UFSM - Universidade Federal de Santa Maria; UNIJUI - Universidade de Ijuí, entre outras). Foram alguns desses agentes culturais (ou étnicos) que possibilitaram a cada vez maior proliferação dessa literatura de descendentes. Por meio desses agentes, muitos escritores solitários se sentiram incentivados e encorajados a registrar e publicar suas histórias, memórias e experiências. Isso porque o livro valoriza socialmente quem escreve, bem como sua família. Dessa forma, ele se torna um valor agregado e agregador de capital social e simbólico. Como ressaltam Bourdieu e Chartier (1993, p. 281), o livro exerce poder e é, ele mesmo, um poder. Poder de expressar, de permitir aos descendentes serem sujeitos de suas narrativas, de serem personagens com sentido e trajetórias autovalorizadas e, também, valorizadas pelos coletivos em que se inserem.

⁶ Isso implica que o retorno ao campo etnográfico sempre me traga novidades nesse sentido também.

se base para narrativas memorialistas sobre localidades, famílias e eventos, como as da família Bellinaso (1993, 1995, 2000) ou de Righi *et al.* (2001).

A imigração como um fato social total (Sayad, 1998), que impacta o indivíduo em sua totalidade, pode, como observado por mim em relação ao processo de escrita desses descendentes, ser repassada por entre gerações, com força ilocucionária e impulsionadora de ações e de visões de mundo. Apesar de não terem vivido o processo migratório transoceânico pessoalmente, os descendentes escreviam sobre ele e em torno dele com extrema proximidade, vivendo-o “por tabela” (Pollak, 1992) em suas narrativas, apontando detalhes e acontecimentos tidos como particulares da família ou dos antepassados. Como ressalta Martins (1973, p. 19), de um ponto de vista sociológico, a migração não é, simplesmente, uma passagem geográfica, mas sim a transição de pessoas e coletivos de uma sociedade para outra. Compreendo que, derivada desse aspecto, advém grande parte da complexidade dos processos migratórios e também dos escritos aqui analisados. As narrativas escritas, mescladas às capacidades criativas individuais e familiares, tornavam-se memórias e eram partilhadas com sentido e força ilocucionária. Sendo a memória uma leitura sobre o passado efetuada no presente, com os meios e as referências coletivos vigentes na contemporaneidade do dito, ela é também escolha (Bachelard, 1994, p. 48) e construção. Esses escritos, como elementos formadores de discursividade sobre as origens e as famílias e fomentadores de reflexividade, têm possibilitado a construção de uma constante partilha de memórias e de ressignificação acerca do passado bem como a revitalização dos narradores (Benjamin, 1980).

Permito-me, neste artigo, não classificar tal produção literária, mas dividi-la conforme seus próprios escritores a fizeram: memórias, relatos, contos, poesias, crônicas, romances, entre outros gêneros. Composta por uma grande variedade de processos criativos, editoriais e de expressão escrita, essa literatura pode ser analisada, também, como processo de passagem de uma tradição majoritariamente oral para outra que tem valorizado, crescentemente, a escrita e a instrução formal entre esses descendentes de italianos. Sua relevância está contida nas experiências que traz, permitindo compreender o papel que o letramento está assumindo na vida dessas pessoas, algumas pertencentes ao mundo camponês, em que tal linguagem e suas derivações não são, ainda hoje, algo constante em seu cotidiano. Não se devem esquecer, contudo, as complexidades presentes no processo da passagem da oralidade ao letramento (Goody, 1968, 1986; Zumthor e McGarry, 1984), as quais se revelam, por vezes, nos estilos narrativos dos descendentes.

Em suma, objetivo, por meio deste artigo, analisar de que forma podem ser esses escritos interpretados, considerando que os percebo, seja de forma simbólica ou política em um nível mais amplo, como formas e expressões de resistência, tanto coletivas como individuais. Esses escritos revelam, por meio de suas textualidades, estruturas de significado que circulam, e são essas estruturas que procurei, como numa “descrição densa” (Geertz, 1989), compreender, traduzir e interpretar. Resistência no sentido de que tendem a expressar subjetividades pouco ouvidas, de pessoas comuns, e também porque são produzidas e consumidas fora dos padrões hegemônicos editoriais brasileiros, revelando-se, desta forma, em diálogos alternativos às redes literárias hegemônicas. São também diálogos contextuais, tensos e de enfrentamento, o que permite neles encontrar um vínculo entre espelhamento e resistência hegemônica (Bosi, 2005, p. 326). Essas tensões podem ser percebidas tanto pelo ponto de vista dos acontecimentos presentes nos escritos como pelo próprio uso da língua portuguesa, a qual, por vezes, é mesclada ao *italian* e a outros dialetos, como o friulano, por exemplo. Essas hibridizações, mesclas, partilhas, trocas e misturas permitem, igualmente, do olhar semiótico, entender o quanto os emigrados italianos no Sul do Brasil e seus descendentes tentaram ser sujeitos reflexivos de suas próprias histórias. Como ressalta Goody (1986, p. 104), não devemos esquecer do poder da escrita como capacidade de comunicação de uns com outros, mas também dos indivíduos consigo mesmos.

A imigração italiana no Rio Grande do Sul

A imigração italiana para o Rio Grande do Sul (no Sul do Brasil) teve início de forma expressiva em 1875, quando as primeiras famílias de emigrados foram encaminhadas para a região serrana do estado, para as colônias de imigração de Conde d’Eu, Princesa Isabel e Campo dos Bugres. Tratava-se de uma migração familiar, de católicos em sua maioria, provenientes do Norte da Itália, sendo predominantemente composta por agricultores pobres e, em grande parte, analfabetos. Considero que a imigração italiana para o Brasil teve uma série de fatores impulsionadores, tais como: empobrecimento e endividamento dos camponeses; guerras; mudanças valorativas e nas relações de produção em um capitalismo que se expandia na Itália (Franzina, 2006). Contudo, penso que não se podem esquecer outros fatores, como a perspectiva que aquelas populações de emigrados tinham de tentar manter um determinado estilo de vida, baseado no trabalho familiar camponês, na religiosidade católica e nos valores de suas

culturas de origem (Alvim, 1986; Grosselli, 1987) por meio da emigração.

A grande maioria da população migrante era composta por camponeses que tinham na religiosidade católica, no trabalho familiar com a terra e na autoridade paterna um modo específico de vida. A Igreja Católica migrou junto com aquelas populações e as manteve em uma ordem de mundo e em uma disciplina em terras colonizadoras, que, na Itália em transformação, talvez, já não fossem possíveis de ser vividas da mesma forma. Da parte dos governos brasileiros, primeiro no Império e depois na República, pode-se dizer que a vinda dos imigrantes italianos cumpria funções diversas, tais como a de serem guardiões das fronteiras, de dinamizarem os mercados do Sul do país e, depois, de substituírem a mão-de-obra escrava, liberta em 1888.

Do ponto de vista do letramento, a maior parte daquelas pessoas era analfabeta, acompanhando as estatísticas italianas do período. Porém, segundo relatos e documentos deixados escritos, vieram, igualmente, alguns homens letrados, tais como Julio Lorenzoni (1975) e Andrea Pozzobon (1997), constantemente referidos pelo legado de suas memórias escritas, traduzidas e publicadas. Na região central do Rio Grande do Sul, que teve sua colonização iniciada em 1877, houve imigrantes letrados e dotados de certo capital cultural, especialmente comerciantes, que também deixaram documentação escrita (Righi *et al.*, 2001). Além de agricultores, o processo migratório trouxe artesãos que dominavam determinados ofícios e possuíam uma instrução melhorada, o que favorecia o hábito de escrita e leitura. As cartas trocadas entre imigrantes e seus parentes na Itália atestam tal prática (Righi *et al.*, 2001) bem como o gosto por jornais escritos em italiano, como o *Stafetta Riograndense* (hoje *Correio Rio-grandense*), fundado em 1909, na região serrana, que era lido em voz alta para a família, por algum dos membros letrados. Não se pode negligenciar o importante papel que a Igreja Católica e suas congregações tiveram na formação de uma elite intelectual entre os descendentes desses imigrantes. Desde as primeiras décadas de colonização, várias congregações já estavam junto às colônias italianas, algumas mais, outras menos, preocupadas com o letramento dos colonos, mas todas preocupadas em evangelizá-los⁷.

Em finais do século XIX, quando os emigrados vieram para o Brasil, a Itália ainda não era um Estado nacional unificado, e aquelas pessoas se compreendiam como parte de um *paese*, de um vilarejo, de uma localidade

que falava determinado dialeto, adorava santos específicos, comia alimentos diversos e se sentia diferente das demais. Segundo Lorenzoni (1975), já na viagem de navio da Itália para o Brasil, não se entendiam em seus dialetos e se sentiam desconhecidos uns para os outros. Compreendo que a noção de italiano (de uma forma genérica) foi sendo elaborada no Brasil já no decorrer de um processo migratório e colonizador que favorecia o contraste entre os imigrantes e os “nativos”. Concordo com De Boni (1980) ao afirmar que o idioma comum dos primeiros imigrantes italianos era a catolicidade, que permitia a coesão e a comunicação entre eles. Foi a religiosidade que lhes forneceu meios coletivos de se perceberem partes de um mesmo processo, a migração, e de conseguir recursos simbólicos e práticos para significarem tal experiência e nela sobreviverem.

Em suma, em mais de um século de processo colonizador, muitos foram os impasses vividos pelos imigrantes italianos no contraste com o mundo brasileiro, e talvez a escrita seja uma forma particular de traduzir essa complexidade. Por entre mundos deslizantes (Bhabha, 2001) e encontros entre mundos, linguagens e zonas de contato (Pratt, 1999), escritores e leitores refazem-se a si mesmos, em um contínuo processo de tradução e significação. Com certeza, esses escritos não podem deixar de considerar os leitores, ou seja, para quem escrevem esses descendentes e o que pretendem por meio de tal prática.⁸ Afinal, não há escritores sem leitores, e muitos daqueles já apontam, em suas apresentações, o desejo de que as gerações sucessivas conheçam e valorizem a história dos antepassados e as sagas familiares. Outro aspecto presente nessa literatura, embora eu não trate disso no presente artigo, é a frequente evocação do passado (ancestral) por meio de narrativas sobre a travessia transoceânica e sobre os processos colonizadores sofridos e penosos vivenciados pelos antepassados emigrados da Itália para o Brasil. Bernd (2003), ao analisar a poesia negra brasileira, também observa esse “eterno retorno ao passado” (2003, p. 117) como forma narrativa. Os antepassados, em muitos desses escritos, convertem-se em heróis colonizadores e seres quase míticos, portadores de uma forte carga simbólica. Seja no caso dos negros ou dos descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, especialmente daqueles de origem camponesa, a expressão escrita e sua materialização se convertem em uma forma de visibilização, que potencializa a positivação de tais identidades por meio da valorização de suas ancestralidades e dos feitos destas.

⁷ Para Costa (1987, p. 283), “La letteratura dialetale italiana inizia il suo cammino da principio com autori di origine ecclesiastica, allo scopo di ricreare, divertire... e di poter meglio evangelizzare”. Tradução da autora: “A literatura dialetal italiana começa com autores de origem eclesiástica, com o objetivo de recreação, divertimento e de poder melhor evangelizar”.

⁸ Para Chartier (1993, p. 80), a leitura merece “Le status d'une pratique créative, inventive, productrice, et non pas l'annuler dans le texte”. Tradução da autora: “O status de uma prática criativa, inventiva, produtora e não de anulação no texto”.

Em palavras escritas, a italianidade, a vida, a família e os pertencimentos

Não se pode negligenciar o papel importante que a escrita possui, historicamente, na sociedade ocidental (Ong, 1987). Por meio dela, tem-se exercido poder e domínio, e também, por meio dela, tem-se resistido a tais poderes (Goody, 1968). Envolvida antes com a religião e depois com a propagação da ciência como linguagem dominante, a escrita e os processos que envolvem sua prática são muito ricos, em especial, entre grupos que não a tinham habitualmente como linguagem primordial, como os antepassados camponeses dos descendentes de italianos aqui apresentados. Os escritos por eles produzidos, em suas multiplicidades, findam por ser espaços de manifestação e de expressão de subjetividades silenciadas.

Por que escrevem esses descendentes? Para quem escrevem? Quando escrevem? Como escrevem? Essas foram algumas das perguntas que orientaram minha pesquisa, realizada nos anos de 2007 e 2008, e para as quais as respostas são diversas e inacabadas ainda. Continuo ampliando meu acervo de obras, pois, a cada ano, muitos novos títulos são lançados. Entendo que, no processo de escrita, edição (caseira ou profissional) e publicação, há uma série de significados inclusos bem como de relações de poder e de hierarquias, que nos revelam valores e normas importantes para o grupo. Como ressaltado por Rovílio Costa (s.d.), ao apresentar o livro *100 Cento Canti italiani*, organizado pelo Padre Clementino Marcuzzo⁹, obra que objetivava registrar os cantos dos imigrantes que ainda estavam presentes nas gerações mais jovens:

Sair de gravador em punho, para registrar o modo de cantar, a forma literária usada, e não apenas copiar de livros. Copiar de livros, aliás, é fácil. Difícil, porém, é copiar da vida. Mas, copiar da vida é forma de gerar nova vida, é garantir a sobrevivência, o aprendizado, a assimilação dos valores que passam de geração em geração. Alguém poderá dizer: "Só Cem Cantos? Sabe-se que as canções italianas são centenas. Mas estas Cem, são diferentes. Porque são canções reelaboradas pelo laboratório da vida dos núcleos da Quarta Colonização Imperial, hoje pontificando uma coroa de novos municípios. Trata-se de uma centena especial, porque é uma centena vital (Costa, s.d.).

Desde o início do processo migratório, houve escritos esparsos, contudo, após os festejos do centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul, em 1975, ocorreu um salto quantitativo e qualitativo na empreitada literária. Se, antes, os poucos escritores eram religiosos e alguns intelectuais, depois de 1975, essa produção começou a ser realizada por agricultores, donas de casa, pais de família, avós, moradores, netos que pretendiam, por meio de seus escritos, expressar valores, sentimentos, conhecimentos e, também, reconhecimento aos ancestrais e à origem italiana. Aliás, é comum o narrador se colocar em um determinado lugar social: filho, neto, descendente, pai, irmão, morador, entre outros. Penso que essa posição autodeclarada revela muito acerca do ato de escrever e dos leitores para quem se escreve. São, em verdade, subjetividades pessoalizadas e marcadas socialmente. A posição social (na qual o narrador se coloca e da qual parte sua narrativa) expressa, igualmente, por quem ou de qual forma deseja ser interpretado e ter sua mensagem recebida. Revela, por vezes, também, uma pretensão de um sujeito coletivo, como a família, por exemplo:

Este é um trabalho¹⁰ que, apesar de ser um tanto exaustivo, nos deu uma dimensão maior da pessoa humana. Fez com que saíssemos do círculo restrito de alguns familiares, para uma busca ampla daqueles descendentes, parentes há muito desconhecidos. Em todos os lugares fomos recebidos de braços abertos, como filhos da casa. Citar nomes e datas, contar fatos dos nossos antepassados são emoções que encheram nosso coração de um grande bem-estar (Dal Lago e Dal Lago, 1991, p.11)¹¹.

Por vezes, o escrito surge de um desejo do descendente para seus ascendentes, como no caso de Cirénio Callegaro, que escreveu motivado por sua filha Maria da Graça. No prefácio da obra *Um pouco do que vivi*, a filha escreve:

É com muita alegria que faço o prefácio do livro que meu Pai escreveu. Sou grata a ele por ter aceitado o meu estímulo e, assim, ter nos contado, por escrito, algumas das histórias que nos conta em conversas e outras mais... Quando estimulei meu Pai a escrever, fiz isto por ele, procurando lhe estimular a uma nova atividade, pelo fato de que agora já não pode andar a cavalo e fazer outras atividades com as quais se ocupava diariamente.

⁹ Padre Clementino Marcuzzo foi um grande incentivador da valorização da cultura italiana na região central do Rio Grande do Sul. Criou, na localidade de Vale Vêneto, no município de São João do Polêsine, um Museu da Imigração Italiana.

¹⁰ Aqui os autores se referem ao trabalho de pesquisa genealógica e de escrita do livro.

¹¹ Osvaldo Dal Lago era formado em Letras, tendo se aposentado como professor universitário na UFSM. Foi, durante muitos anos, Agente Consular em Santa Maria. O livro intitulado "O imigrante Giorgio Dal Lago e seus descendentes" foi escrito por ele e sua esposa, Romi Julieta.

Mas eu ganhei muito com isto, aprecio muito as suas histórias, tenho muito prazer em ler o que ele escreve, principalmente porque a sua escrita tem o mesmo “jeito” da sua fala. E, ainda, estou tendo a oportunidade de conhecer ou relembrar fatos da vida de meu Pai ou de nossa família... (Callegaro, M., 2003, prefácio).

E, noutra passagem da mesma obra, que é um livro impresso muito simples, sem editora ou gráfica indicada, com 49 páginas impressas, a filha Maria da Graça escreve, novamente, finalizando a obra: “A palavra de nosso Pai, falada ou escrita, também vale sempre como um documento. Muito Obrigada!!!” (Callegaro, M., 2003, p.49). Observa-se, dessa forma, o forte vínculo estabelecido por meio do processo de escrita e de produção da obra. Igualmente, em todos os momentos, a palavra “pai” é a apresentada em letra maiúscula, salientando a importância desse vínculo que, como ressalta a autora, ficou documentado, também, por meio da escrita, pois já o era por meio da palavra falada.

É importante ressaltar que os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul vivenciaram um processo histórico perpassado por outros acontecimentos em nível regional, nacional e mundial em mais de um século de processo colonizador em solo brasileiro, o que impactou, de certa forma, a manutenção de relatos escritos. Um dos momentos mais marcantes se deu durante a II Guerra Mundial (1939-45), em especial a partir de 1942, quando o Brasil entrou em guerra contra o Eixo, formado por Itália, Japão e Alemanha, momento em que os descendentes desses grupos passaram a ser perseguidos e vigiados (Zanini, 2005; Zanini, 2006). Esse processo de repressão encontrou, no Brasil, eco nas políticas públicas do Estado Novo (1937-1945), que tinha como um de seus objetivos a formação de uma identidade nacional de brasileiro (uma brasiliade) e que se utilizou de diversas formas repressivas para isso. Especialmente no confronto com grupos migrantes considerados mais refratários à nacionalização (Cancelli, 1993)¹², as tensões foram mais acirradas (Sganzerla, 2001; Dal Molin, 2005).

Naquele período histórico, os italianos e seus descendentes foram proibidos de falar em italiano, de rezar em seus dialetos, de manter clubes, associações e escolas próprias. A alfabetização passou a ocorrer obrigatoriamente em português, e aquelas crianças que não sabiam falar essa língua tiveram a escola do período como sua iniciadora no domínio da língua portuguesa, o que nem sempre foi processo isento de tensões e de más recordações por parte dos descendentes. Conforme relatos (Zanini, 2006), esse foi um período tenso para muitas famílias,

fosse no meio urbano ou nas colônias italianas. Houve prisões, perseguições, destruições de documentos, de livros, de móveis e de uma série de objetos que pudessem estabelecer vínculos com a Itália. Quem fosse suspeito de “traição” (ao falar em italiano, por exemplo) poderia ser preso ou perseguido. Naquele momento, foi acontecimento comum muitas famílias autodestruírem seus documentos, passaportes, livros ou, senão, enterrá-los ou escondê-los, a fim de que não pudessem ser fonte de incriminação ou discriminação. Em vários livros escritos por descendentes, há menção às tensões desse período e relatos sobre elas, fossem elas vividas pelos próprios autores ou ouvidas de terceiros. Observa-se o exemplo da escrita abaixo:

Os anos passaram-se. Em 1939 explodia a 2ª guerra mundial. Alguns dos nossos pracinhas foram convocados para combater ao lado dos aliados: Geraldo Sanfelice, Abraão Venturini e Oreste Bonini, este falecido. Daí em diante, começou a perseguição aos italianos. Fomos taxados de 5º coluna e também perseguidos, foi proibido falar o italiano e cantar. Aqui no Ivorá, na Linha Sete, seu Antonio Botega, Francisco Nardi e Romano Clemente, reunidos, cantaram em italiano “Il massolin di fiori che vien d’alla montanha”, etc, traduzido, “o buqué de flores que vem da montanha”. Uma professora que passava por esse rincão interpretou diferente: “O Mussolini vinha das montanhas”. Mussolini era o ditador da Itália, aliado de Hitler, também ditador. A dita professora não gostou da cantoria e deu parte às autoridades. Prenderam os três e castigaram com uma semana de serviço arrumando estradas e de noite, dormiam na cadeia. Nesta ocasião, prenderam também em Vale Vêneto o Sr. Serafim Moro, que o apanharam na praça, falando em italiano com um amigo. As autoridades de Dona Francisca o levaram a Cachoeira e o fincaram na cadeia. No dia seguinte, amanheceu morto, provocando grande consternação em toda a colônia... (Bellinasso, 2000, p. 89-91).

A prática repressiva por parte da polícia do Estado Novo (1937-1945), bem como o desejo daqueles imigrantes de ascender socialmente, fez que com que se criasse gerações mais silenciadas acerca de suas origens italianas e da manifestação pública da italianidade. Denominei o processo ocorrido durante a II Guerra Mundial de “varredura cultural”, da qual a morte de Serafim Moro foi um fato impactante, tendo sido a mim narrada várias vezes durante a pesquisa etnográfica realizada entre descendentes da região central do Rio Grande do Sul (Zanini,

¹² Segundo Cancelli, “Getúlio Vargas dizia que somente os povos nacionalistas e vigilantes poderiam subsistir, por isso o amor ao Brasil, ou à brasiliade (expressão cunhada pelo regime), era a manifestação representativa que fundava o apego à figura carismática do líder, uma vez que o efeito de verdade se criava através do nacionalismo” (1993, p. 23).

2006). Foi somente quando dos festejos do Centenário da Imigração Italiana no estado, em 1975, momento em que muitos descendentes já haviam alcançado posições sociais importantes e não havia mais um clima de ressentimentos, que as expressões sobre o mundo italiano de origem puderam ser mais declaradas. Entendo que há, no processo de silenciamento e, depois, de retomada por meio da escrita uma tentativa de procurar tornar decifráveis as contradições encontradas em muitas das trajetórias desses imigrantes, seja do mundo de origem italiano para o mundo brasileiro, do mundo rural para o mundo urbano, das mudanças geracionais e religiosas ocorridas em mais de um século de processos migratórios, entre outras. Há também escritos que almejam dar voz às mulheres e aos dilemas por elas vivenciados ao longo do processo migratório e colonizador. Eles tentam traduzir, por meio de palavras, experiências de vida, de lugares e historicidades específicas.

Espaços escritos: casas, lugares, memórias e pessoas

De uma forma ampla, a escrita tem se mostrado um exercício prazeroso e de possibilidade de expressão de individualidades e subjetividades. O menor número de escritoras mulheres entre os descendentes é algo que acompanha a produção literária brasileira de um modo geral. Para Schmidt, “a nossa tradição estética, de base européia, tradicionalmente definiu a criação artística como um dom essencialmente masculino” (1995, p. 184). É importante ressaltar que, no passado, havendo necessidade de escolher algum filho para escolarizar, essa escolha recaía, invariavelmente, sobre o filho homem. Como ressalta Lemaire (1995), as mulheres tenderiam a guardar mais a memória oral; contudo, os homens escreveriam mais. As mulheres descendentes, tradicionalmente, findaram por receber menos incentivo ao letramento e à instrução formal, o que pode explicar, em parte, o menor número de escritoras. Mesmo assim, há belos exemplares de escritoras (poetisa, no caso) mulheres, como ressalta o exemplo abaixo:

No Tanque

*...Na cesta, resíduos de vindima.
Sabão caseiro delira em gosos de espumas...
Mangas arregaçadas em braços
Sem mais abraços*

*Jogam peça após peça
De uma para outra cesta.
Cúmplices do trabalho,
Manchas se desmancham,
perdem-se rio abaixo,
deixando os fios brancos
como os brancos fios da parona.
Mãos puras mergulham
Roupas sujas nas águas santas...
Que sanitade é essa?...
(Sottili, 1993, p. 25-26).*

Essa autora¹³, em especial, em sua obra denominada *Resíduos*, apresenta belos poemas acerca do cotidiano dos descendentes de imigrantes italianos. Entre eles, citam-se: *A casa, A sala, O quarto, Travessia, Domingo na Missa, O Almoço, A Bodega, Parreiral, O Forno, A polenta, A Vindimeira*. Por meio de seus poemas, pode-se conhecer um pouco do cotidiano daqueles imigrantes e seus descendentes, como a cama de palha de milho, a minestra¹⁴ da noite, os passeios de carroça, as bebedeiras de vinho, entre outras narrativas. Por meio deles, também pode-se observar a reflexividade permitida pela poesia, quando os indivíduos, em suas subjetividades, deparam-se consigo mesmos, com seus ressentimentos, seus medos e suas angústias. Tempo e espaço se encontram na narrativa espalhada pelas concretudes e simbologias narráveis, como o tanque, por exemplo. A palavra escrita, nesse sentido, converte-se em uma tradução, simbiose entre subjetividades e objetividades, entre o vivido e aquilo que dele se pode registrar e formatar com sentido. Tornam-se, assim, exercícios individualistas (Velho, 2006), pois, ao escrever, há expressão de muitos dos dilemas vividos por seus escritores, inclusive, dos desencontros entre seus projetos individuais e os valores coletivos, como se observa noutro poema da mesma autora, denominado *No Prado*:

*A tarde se cala.
Ausente de animais
O prado abraça o anoitecer.
Faz-se a noite
E nasce a primeira poesia.
Formas tímidas denunciam a mulher
Dentro do vestido barato.
O corpo suado, o passo apressado.
Mechas caem por debaixo do chapéu de palhas.
Descalços os pés
Atravessam o prado*

¹³ A autora, Ana Maris Araldi Sottili, pelas informações contidas na obra *Resíduos*, é natural de Flores da Cunha, na serra gaúcha. Teria formação em Letras, tendo sido professora e, posteriormente, bancária. Este seria seu terceiro livro. A apresentação da obra *Resíduos* é feita pelo professor de literatura da UCS (Universidade de Caxias do Sul) Jayme Paviani.

¹⁴ Minestra é a sopa de feijão feita com restos de comida. Geralmente, era feita no jantar, com os restos da comida servida no almoço, como massa, carne e legumes.

*E o prado reverencia a inocência dela.
Às costas, o fardo de ervas frescas,
soberbo para os animais da estrebaria.
A brisa acaricia o corpo da quase mulher,
adormecida no rosto da menina.
Com ela a erva fresca, o desejo,
o cheiro da vida exuberante.
Ela e a tarde se calam
E sobrevivem ao anoitecer
(Sottili, 1993, p. 29).*

Para os imigrantes e seus descendentes, a casa, a terra e a família costumam ser elementos que, narrativamente, circulam juntos. Da casa dos antepassados surgem histórias, memórias e escritos. Essas paisagens habitam os escritos e se tornam elementos narrativos extremamente ricos acerca do pertencimento ao mundo italiano. Nessa topoanálise (Bachelard 1996, p. 28), nesse estudo psicológico dos locais da vida íntima, como ressalta Bachelard (1996), o espaço retém o tempo comprimido, residindo aí sua função. Dessa forma, nessas imagens espacializadas, as memórias tecem sua duração e sentido. A força evocativa de alguns espaços (reais ou imaginados) presentes nas narrativas é muito grande: o parreiral, a cozinha, a dispensa, o espaço para oração. Isso salienta o quanto suas histórias se mesclam com as espacialidades vivenciadas e repletas de significação, como se observa no poema que segue:

A casa de pedra

*Cem anos de construção, a casa de pedra
Retrata tudo o que os imigrantes passaram,
Seus utensílios falam de remotos tempos!
Cada objeto tocado faz reviver uma vida
Passada entre as agruras e as delícias
De desbravadores da mata...
Sopitando no fundo de sua alma
Como no velho baú de recordações
Toda saudade que haviam deixado
Do outro lado do oceano!
Benditos, valentes imigrantes,
Dando sua força, esperança e amor
À nova terra de adoção!*

*Em torno “al foccolare” ainda ressoam
as histórias, as músicas lembradas
da terra saudosa e distante!*

*Casa de pedra, tu tens vida
E transmutes a beleza de viver.
Aqui houve a ternura do amor
Na lua de mel dos recém casados!
Aqui nasceram crianças brasileiras,
Cujo sangue italiano corre em suas veias!*

*Cada pedra colocada para formar a casa
É parte das famílias e gerações
Que por aqui passaram...cada pedra chora...
Cada pedra conta a saudade
Da terra em que nasceram
E a doação de suas vidas
À nova terra! (Mascia, 1988, p. 3).*

A autora do poema acima é Nelly Veronese Mascia, que introduz o livro *Casa de Pedra*, de Záira Galeazzi, escrito em 1988 e patrocinado pela vinícola *Maison Forestier*, no Concurso do Centenário da Colônia Alfredo Chaves.¹⁵ A casa, a família, os ciclos de vida se atravessam no poema e no livro também. Alguns desses escritos, embora possam ser interpretados como expressão de individualidades, são, igualmente, ação coletiva (Becker, 1977), pois, por vezes, famílias extensas inteiras colaboravam em sua edição e divulgação. Ouvi relatos de famílias que começavam tal empreitada partindo de conversas em festas, nas quais se encontravam várias gerações e a grande parentela, em eventos religiosos, nos processos de obtenção da cidadania italiana ou de decisão acerca do que fazer com patrimônios herdados, tais como terras, casas e outros bens. Nesses momentos, recriar a trajetória familiar adquiria sentido e, em alguns casos, urgência e fins pragmáticos. Contudo, como mostrarei neste artigo, os motivos para escrever são vários e marcados, todos, por um desejo explícito de expressão. Essa expressão individual ou coletiva é também reconhecimento de valores e de pessoas. Um exemplo é o livro de Karine Simoni, intitulado “Sonhar, viver, recordar – memórias dos nonos de Xavantina (1920-1950)”¹⁶:

*Dos meus primeiros 17 anos vividos em Xavantina,
guardo na memória a curiosidade que as pessoas idosas
me despertavam. Invariavelmente encontradas a per-
correrem as ruas da pequena cidade, era com tristeza
que de tempos em tempos as via sumir. Hoje, lamento
que ninguém tenha me alertado que naquelas pessoas
encontrava-se grande parte da história do município
que me viu crescer, e que o desaparecimento delas*

¹⁵ A obra *Casa de Pedra*, de Galeazzi, obteve o primeiro lugar na categoria Ficção no concurso “Centenário da Colônia Alfredo Chaves” e faz parte da coleção “Centenário da Colônia Alfredo Chaves, n. 3” e da Coleção “Italiana n. 95”.

¹⁶ O livro é resultado de sua monografia de graduação para obtenção do título de Bacharel em História pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Embora Xavantina esteja localizada geograficamente em Santa Catarina, selecionei esse escrito, pois grande parte de seus moradores são oriundos das denominadas Colônias Velhas (Campo dos Bugres, Dona Isabel e Conde D’Eu), localizadas na região serrana do Rio Grande do Sul.

dificultaria o conhecimento do nosso passado. Assim, durante esse período cresci decorando nomes de faraós egípcios e de presidentes do Brasil, mas fui induzida a ignorar a minha própria história, contada então em fragmentos pelos meus pais, tios e falecidos avós, ou quando curiosamente me dispunha a ouvir a conversa dos mais velhos. Afora essas vagas, porém interessantes narrativas, pouco conheci. E foi por isso que, juntando a essas histórias contadas à beira do fogão de lenha nas frias noites de inverno e conhecimento que adquiri na Universidade, me propus a investigar fenômenos que envolveram a trajetória da localidade de Anita Garibaldi, atual município de Xavantina. Poderia citar outros motivos para a realização dessa pesquisa, mas o principal seria o amor pela minha cidade (2002, p. 15).

Outro exemplo de livro escrito sobre um lugar, entendido como o espaço de circulação de sentidos e identificações para os indivíduos, é “Sítio dos Mellos”, organizado por Jonas Baratto¹⁷. Em seu prefácio, o autor relata que:

Este pequeno livro foi escrito por ocasião dos 70 anos de criação da capela de Santo Isidoro no Sítio dos Mellos. A comunidade do Sítio dos Mellos tem sua história e merece ser conhecida pelo seu povo. Os dados históricos deste livro, foram retirados do livro do jubileu de prata da paróquia de Ivorá, das pesquisas feitas pelos colaboradores, junto aos familiares, padres de nossa região e comunidade em geral. Através destes escritos, o leitor poderá avaliar e fazer uma idéia do espírito de religiosidade, heroísmo e sacrifício de nossos antepassados. Aqui o leitor pode, também, entrar em contato com os costumes de nossos ancestrais, o seu modo de vida, a religiosidade e sua cultura. Nestas páginas não se encontrarão feitos espetaculares e acontecimentos sensacionais, mas a vida simples e honesta de um povo que soube conservar viva sua fé, seu amor a família, sua dedicação ao trabalho, seu testemunho de honestidade, sua convivência amiga e fraterna, expressa nos encontros familiares, nas comemorações festivas e nos lazeres sem artificiais nem competições geradoras de conflitos. Trata-se de um acervo impressionante de dados históricos sobre a gente de Sítio dos Mellos, suas obras e trabalhos, seu pensamento e estilo de vida, suas fisionomias marcantes, dados esses extremamente gratificantes para os antigos rememorarem e para os mais jovens se informarem do passado, servindo de lição para o futuro (s.d., Introdução)¹⁸.

No Rio Grande do Sul, os imigrantes italianos, no decorrer do processo colonizador, passaram a ser denominados colonos, ou seja, aqueles habitantes das colônias de imigração italiana, em geral, camponeses. Essa denominação carregava consigo um forte estigma (Goffman, 1980), relacionado ao trabalho com a terra, delegando a estes rudeza e “grosseria”, em contraposição a um Brasil que se urbanizava e que cultivava um projeto de identidade nacional. Para alguns desses camponeses, escrever e publicar representava, também, superar a noção de que não haveria criação artística entre esses trabalhadores da terra e de que eram pessoas sem instrução e civilidade. Com certeza, muitos dos escritos por mim analisados podem ser considerados arte, no sentido a esta atribuído por Geertz (2000, p. 150), ou seja, como expressões de subjetividades. São, em um sentido amplo, traduções de mundo produzidas em uma estética e em um estilo próprios.

Esses escritos revelam, igualmente, de forma mais ou menos tangível, as contradições entre projetos individuais e sobrevivência grupal. Podem ser compreendidos como uma agência de produção, circulação e consumo de significados sociais valorados pelos descendentes. Um dos significados mais importantes para o grupo, com certeza, está na família como instituição primordial. Como já salientado, o incentivo para escrever livros surge, por vezes, em encontros familiares:

O trabalho que ora resulta em livro teve início na década de 80 quando surgiu a idéia de realizar um Encontro da Família Giacomini em Cotiporã. Reunir parentes para locupletar-se com farta comida da gastronomia italiana não entusiasmava muito. Haveria de ter algo mais profundo que motivasse todos para o primeiro encontro e outros que surgissem. Para a maioria dos parentes, descobrir que existiam inúmeros primos desconhecidos e saber da história de cada um tornou-se imperativo para marcar presença nos encontros... No desenrolar da pesquisa, muitos primos colaboraram e continuaram enviando informações e dados que tornaram possível esta história. Também outros grupos Giacomini manifestaram seguidamente interesse em saber quem é quem e qual o grau de parentesco entre os vários grupos (Giacomini, 2001, p. 9).

No texto acima, escrito por Ambrósio Giacomini¹⁹, na cidade de Cotiporã, em 2001, apresenta-se o esforço individual e coletivo para concretizar a obra, o livro. Nesse itinerário, a família como valor é, muitas vezes, exaltada

¹⁷ Residente em Faxinal do Soturno e médico de formação.

¹⁸ Provavelmente, a data dessa publicação seja 1995, mas não há ficha catalográfica nesse livro.

¹⁹ Segundo informações contidas na obra, ele seria professor.

e buscada por meio de um processo que alguns autores denominam de “resgate”. Na aba da obra “Família Giacomini História e Genealogia”, há uma passagem escrita por Ari Lazzari, apresentado como professor e jornalista, a qual salienta que:

Num tempo em que a instituição da família se atomiza e sofre os desafios desagregadores da moralidade, é bem-vinda a iniciativa do Professor Ambrósio Giacomini em recuperar as raízes de seu clã – coroação de um trabalho iniciado com a realização de dois encontros, um em Cotiporã, em 1999, e outro em Putinga, em 1993 (Lazzari, 2001, aba).

Na construção de uma italianidade no Rio Grande do Sul, o tripé família, trabalho e religião ainda é explicativo e válido (Zanini, 2006). Nos escritos, aliados a esses valores, encontra-se, igualmente, o valor atribuído à terra, à poupança e à ascensão social. Embora a religiosidade dos antepassados não seja a mesma dos descendentes atuais, ela continua a ser valorada como uma marca positiva do grupo. A família, mesmo ressemantizada e adquirindo novos contornos, também continua a ser um valor importante, assim como o trabalho, que deixou de ser, em muitos casos, o trabalho braçal para se converter em outros trabalhos, e continua a ser um dos elementos mais importantes sinalizados como adscritivos dos “italianos” no Rio Grande do Sul. A discursividade positivada da italianidade como portadora de tais valores permite que os descendentes se sintam valorizados como pertencentes ao grupo e como idealmente portadores deles, no que denomino de “mercado de bens simbólicos regionais”, no qual reivindicar esse pertencimento agrupa valor aos indivíduos.

Os escritos, igualmente, ressaltam e valoram à exaustão tais atributos: “Severino teve uma vida fundamentada no trabalho, na religião e na família. De alfaiate a barbeiro, ao diaconato na Igreja, depois dos 66 anos, nunca deixou de lado o que sempre considerou fundamental: a família” (2003, p. 98). Severino Bellinaso era imigrante italiano, diácono, morador da cidade de Ivorá e escreveu livros que são muito lidos na região central do Rio Grande do Sul.²⁰ É muito comum a religiosidade estar narrada nas práticas cotidianas, como o terço, as preces, as novenas e, também, nos rituais da vida católica, tais como o batismo, a primeira comunhão, a crisma, o casamento, entre outros. Além disso, a história das famílias se cruzava com a religiosidade:

Pensar em contar algo da História dos Dall’Alba e esquecer a religião seria imperdoável. A prática religiosa foi uma de suas características. Cada um com seus defeitos, mas todos procuravam pautar sua vida pelos ensinamentos da Igreja Católica. Não blasfêmia, culto à justiça e honestidade, e oração, e rosário, e catequese, e freqüência aos sacramentos e participação nas obras paroquiais, nas associações, e festeiros e fabriqueiros (Dall’Alba, 1984, p. 194).²¹

Partilhar desses valores por meio da escrita, reviver paisagens mentais e construções de espaços imaginados e geográficos em que a religiosidade se tornava um valor fundamental, almeja, igualmente, ressaltar esse valor às gerações mais novas:

Quando morava em Três Barras, a paróquia mais próxima era a de Silveira Martins, antes de ser criada a de Arroio Grande. Era lá que a família assistia à missa dominical, partindo de casa à meia-noite, a pé, em jejum, indo confessar. Levava batata-doce para comer na volta, de vez que o jejum eucarístico era muito severo. O velhinho Antônio, viúvo, avô do “nonno”, nosso tataravô, ficava em casa e recitava as orações do missal, ajoelhado embaixo de uma árvore (Pozzobon, 1992, p. XXXIII).²²

Adicionalmente, a escrita reanima os laços entre a parentela, elegendo vínculos familiares e cadeias de pertencimento. A leitura sobre o passado, elaborada no presente do ato da escrita, reafirma valores grupais e se pretende guia para a ação ao apontar prioridades e gostos coletivos. Desse ponto de partida, revivida pelos leitores e narradores, torna-se memória viva, com sentido e partilha, reanimando, constantemente, a italianidade com sentimento, imaginação e narração. A noção de resistência cultural possibilitada pela prática da escrita e pela sua publicação adviria, de meu ponto de vista, dessa conjugação, quando, por meio da expressão e do registro escrito, esses descendentes se percebem como sujeitos de sua história e a publicam em seus próprios termos e estilos. O texto escrito e seu processo de elaboração se convertem, dessa forma, em uma espécie de direito à memória e à sua expressão pública. Esses indivíduos almejam ser, eles mesmos, os narradores de suas vivências e de suas historicidades. Da leitura à escrita, esses sujeitos passam por aquilo que Chartier (1993, p. 100) denomina de “acculturation typographique”²³, em que o livro e a escritura se tornam

²⁰ Segundo informações contidas na obra “Paróquia de Ivorá” de autoria de Severino Bellinaso e Frederico Marcon, Severino nasceu em Vicenza, na Itália, em 1913 (s.d., p.74).

²¹ A obra “Os Dall’Alba- cem anos de Brasil” foi escrita pelo padre João Leonir Dall’Alba, publicada em 1984 e apresentada por Mário Gardelin, na época Vice-Reitor da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Gardelin era neto de João e Cândida Zaupa Dall’Alba.

²² Livro escrito pelo descendente Eugenio Antônio Pozzobon, que é advogado.

²³ “Aculturação tipográfica”, tradução da autora.

práticas culturais desejáveis e valorizadas, especialmente entre sujeitos oriundos do mundo camponês.

Considerações finais

A escrita, sua edição e sua publicação possibilitaram, também, uma partilha mais continuada de valores, gostos, costumes, hábitos e história grupal. O discurso baseado na origem tem, por meio de alguns desses escritos, adquirido legitimidade e uma maior abrangência, devido ao valor a eles atribuído. Ou seja, partindo de um livro (ou folheto) escrito sobre um lugar, sobre uma família ou mesmo sobre uma pessoa, elabora-se uma discursividade que se prolifera e se torna memória coletiva (Halbwachs, 1990), porque compartilhada e com sentido (Zanini, 2006). Dessa memória e com ela, processos identitários se intensificam e direcionam, permitindo esquecimentos, enquadramentos (Pollak, 1989, 1992) e revitalizações de pertencimentos. Esse fato, aliás, no Rio Grande do Sul, tem crescido continuadamente nas últimas três décadas com a constante criação de entidades e associações italianas, que têm promovido festividades, cursos de língua italiana e outras atividades em prol da revitalização da italianidade.

Observo que o ato de escrita, edição e publicação representa a necessidade de visibilização da origem e dos bens simbólicos a ela associados. A publicação se revela uma dádiva que, por meio de sua circulação, estabelece vínculos entre pessoas, ancestralidades, histórias, lugares e valores. Ela gera reciprocidades e efetivação de vínculos entre passado e presente, entre pessoas e mundos. O escrito se converte em uma forma de reconhecimento e de tributo às origens, tidas como algo positivado e valorizado pelos escritores. A italianidade invocada, representada no mundo das origens italianas, nas sagas dos antepassados e nas suas próprias, tece fios que se convertem em narrativas e memórias constantemente atualizadas e ressignificadas.

O livro legitima e agrega valores a ditos, pessoas e acontecimentos. Ele, em si, converte-se em um valor (Chartier, 1993). Representa a ascensão social, o sucesso do processo migrantista, que transformou camponeses italianos em brasileiros e possibilitou, de formas diversas e segmentadas, sobrevivência e enriquecimento para alguns. O letramento significa também substituir o estigma de colonos rudes e trabalhadores da terra pelo de domadores de palavras, que têm por objetivo estabelecer um elo entre gerações passadas e presentes por meio do registro e da narrativa de acontecimentos, sentimentos, espaços, tempos, objetos, casas, enfim, de uma infinidade de pontos de partida e de chegada pelos quais as origens se expressam.

Esses escritos também são possibilidades reflexivas (Martín-Barbero, 2003) por meio dos quais os indivíduos

podem repensar suas próprias trajetórias de vida. Ao se propagarem por entre leitores, são lidos e interpretados continuadamente. Com isso, novas memórias são atualizadas, elaboradas e partilhadas. Dessa memória, processos identitários se redefinem e, como tem ocorrido no Rio Grande do Sul, novas associações e entidades italianas surgem sucessivamente. Por intermédio dessas entidades, os descendentes se reúnem, aprendem italiano clássico, fazem festas, criam corais, grupos de danças, entre outras atividades que têm por objetivo manter vivo o pertencimento italiano em um nível mais amplo do que aquele efetuado pela socialização familiar.

Em suma, neste breve artigo, objetivei salientar o quanto o processo de escrita tem possibilitado a esses descendentes de imigrantes italianos, com mais de um século de processo colonizador no Brasil, expressar seus pertencimentos ao mundo italiano das origens. A escrita tem permitido a manifestação de sentimentos, de desejos, de contradições, de experiências de vida, que pretendem, por meio de sua circulação, ser compreendidas e, talvez, servir de instrução às gerações mais novas, estabelecendo uma resistência cultural em contraponto aos valores da sociedade envolvente. Escrevendo, sentem-se italianos na origem, afirmam seus valores, expõem suas experiências e podem, sem receios, torná-las públicas, fato que, há algumas décadas, não seria possível no cenário brasileiro. E, como ressalta Capinha (2000), estudos acerca das migrações e identidades não podem eximir-se das reflexões sobre a política da linguagem. Minha intenção foi, ao longo deste artigo, refletir sobre o aspecto político contido na possibilidade de expressão escrita, buscando entender como, em fatos e em palavras, ele tem se manifestado entre descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul (Brasil).

Referências

- ALVIM, Z.M.F. 1986. *Brava gente! Os italianos em São Paulo 1870-1920*. São Paulo, Brasiliense, 189 p.
- ARCHETTI, E. (ed). 1994. *Exploring the written. Anthropology and the multiplicity of writing*. Oslo, Scandinavian University Press, 342 p.
- BACHELARD, G. 1994. *A dialética da duração*. 2^a ed., São Paulo, Ática, 135 p.
- BACHELARD, G. 1996. *A Poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 242 p.
- BARATTO, J. [s.d.]. *Sítio dos Mello*. 70 anos de história 1925-1995. Santa Maria, Palotti.
- BARTH, F. 2000. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro, Contracapa, 243 p.
- BECKER, H. 1977. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro, Zahar, 225 p.
- BELLINASO, S.T.; MARCON, F. 1993. *Paróquia de Ivorá- 1918-1993*. Santa Maria, Palotti, 112 p.
- BELLINASO, S.T. 1995. *As memórias de um imigrante italiano*. [s.l.], [s.n.], 144 p.

- BELLINASO, S.T. 2000. *Os heróis de Val de Buiá*. [s.l., s.n.], 160 p.
- BELLINASO, E.; BELLINASO, O.M.V. 2003. *Cristoforo Bellinaso - Homem, soldado e pai*. Santa Maria, Os autores, 157p.
- BENJAMIN, W. 1980. *O narrador. Observações sobre a obra de Nikolai Leskow*. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural, p. 57-74.
- BERND, Z. 2003. *Literatura e identidade nacional*. 2^a ed., Porto Alegre, EDUFRGS, 142 p.
- BHABHA, H.K. 2001. *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 395 p.
- BOSI, A. 2005. Caminhos entre a literatura e a história. *Estudos Avançados*, 19(55):315-334.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142005000300024>
- BOURDIEU, P. 1983. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 207 p.
- BOURDIEU, P.; CHARTIER, R. 1993. La lecture: une pratique culturelle. Débat entre Pierre Bourdieu et Roger Chartier. In: R. CHARTIER (org.), *Pratiques de la lecture*. Paris, Editions Payot & Rivages, p. 267-294.
- CALLEGARO, C. 2003. *Um pouco do que vivi*. Santiago, [s.n.], 49 p.
- CALLEGARO, M. da G. 2003. Prefácio. In: C. CALLEGARO. *Um pouco do que vivi*. Santiago, [s.n.], p. 3-4.
- CANCELLI, E. 1993. *O mundo da violência. A Polícia da Era Vargas*. Brasília, Edunib, 227 p.
- CAPINHA, G. 2000. A poesia dos emigrantes portugueses no Brasil: ficções críveis no campo da(s) identidade(s). In: B. FELDMAN-BIANCO (org.), *Identidade: estudos de cultura e poder*. Rio de Janeiro, Hucitec, p.107-148.
- CHARTIER, R. 1993. Du livre au lire. In: R. CHARTIER (org.), *Pratiques de la lecture*. Paris, Editions Payot & Rivages, p.79-113.
- COSTA, R. [s.d.]. Apresentação. In: C. MARCUZZO. *100 Cento Canti Taliani*. Santa Maria, Palotti.
- COSTA, R. 1987. La letteratura dialettale italiana: ritratto di una cultura. In: FONDAZIONE GIOVANNI AGNELLI, *Euroamericani: la popolazione di origine italiana in Brasile*. Torino, Fondazione Giovan ni Agnelli, vol. 3, p. 265-285.
- CRAPANZANO, V. 2004. *Imaginative Horizons. An essay in literary-philosophical Anthropology*. Chicago, University of Chicago Press, 260 p.
- DALL'ALBA, J.L. 1984. *Os Dall'Alba- cem anos de Brasil*. Porto Alegre/ Caxias do Sul, EST/EDUCS, 341 p.
- DAL LAGO, O.; DAL LAGO, R.J. 1991. *O imigrante Giorgio Dal Lago e seus descendentes*. Santa Maria, Livraria Editora Pallotti, 192 p.
- DAL MOLIN, C. (org.). 2005. *Mordaça verde e amarela*. Santa Maria, Palotti, 216 p.
- DE BONI, L.A. 1980. O catolicismo da imigração: do triunfo à crise. In: A. LANDO (org.), *Migração & colonização*. Porto Alegre, Mercado Aberto, p. 234-255.
- DE BONI, L.A.; COSTA, R. (org). 1996. *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre, EST/ Torino, Fundação Giovanni Agnelli, vol. 3, 641 p.
- DE BONI, L.A.; COSTA, R. (org). 1982. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. 2^a ed., Porto Alegre, EST/Caxias, Universidade de Caxias, 243 p.
- DE BONI, L.A.; COSTA, R. (org.). 1990. *A presença italiana no Brasil*. Porto Alegre, EST/ Torino, Fundação Giovanni Agnelli, vol. 2, 740 p.
- EL FAR, A. 2006. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro, Zahar, 71 p.
- FRANZINA, E. 2006. *A Grande emigração. O êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*. Campinas, Editora Unicamp, 472 p.
- GEERTZ, C. 1989. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 323 p.
- GEERTZ, C. 2000. *O saber local*. 3^a ed., Petrópolis, Vozes, 366 p.
- GIACOMINI, A. 2001. *Família Giacomini. História e genealogia*. Porto Alegre, EST, 147 p.
- GOFFMAN, E. 1980. *Estigma*. Rio de Janeiro, Zahar. 158 p.
- GOODY, J. (org.). 1968. *Literacy in traditional societies*. Cambridge, Cambridge University Press, 349 p.
- GOODY, J. 1986. *A Lógica da escrita e a organização da sociedade*. Lisboa, Edições 70, 218 p.
- GROSSELLI, R.M. 1987. *Vencer ou morrer. Camponeses trentinos (venetos e lombardos) nas florestas brasileiras*. Florianópolis, Editora da UFSC, 585 p.
- GULLESTAD, M. 1994. Constructions of self and society in autobiographical accounts, a Scandinavian life story. In: E. ARCHETTI (ed.), *Exploring the written. Anthropology and the multiplicity of writing*. Oslo, Scandinavian University Press, p.123-163.
- HALBWACHS, M. 1990. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 187 p.
- HOEM, I. 1994. Maui, the trickster god - a possible role made for living in a fictionalized world: an anthropological reading of novels in the South Pacific. In: E. ARCHETTI (ed.), *Exploring the written. Anthropology and the multiplicity of writing*. Oslo, Scandinavian University Press, p. 197-230.
- LAZZARI, A.A. 2001. Abas do livro. In: A. GIACOMINI, *Família Giacomini. História e genealogia*. Porto Alegre, EST, 147 p.
- LEMAIRE, R. 1995. Expressões femininas na literatura oral. In: Z. BERND; J. MIGOZZI (orgs.), *Fronteiras do literário*. Porto Alegre, EDUFRGS, p. 93-124.
- LORENZONI, J. 1975. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre, Sulina, 264 p.
- MARTINS, J. de S. 1973. *A imigração e a crise no Brasil agrário*. São Paulo, Pioneira, 222 p.
- MARTIN-BARBERO, J. 2003. *Dos meios às mediações*. 2^a ed., Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 369 p.
- MASCIA, N.V. 1988, A casa de Pedra. In: Z. GALEAZZI, *Casa de Pedra*. Porto Alegre, Posenato Arte & Cultura, p. 3.
- ONG, W. 1987. *Oralidad y escritura: tecnologías de la palabra*. México, FCE, 191 p.
- POLLAK, M. 1992. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, 5(10):200-212.
- POLLAK, M. 1989. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3):3-13.
- POZZOBON, E. A. 1992. *Árvore genealógica das famílias Pozzobon, Marchezan e Londero*. Santa Maria, Palotti, 108 p.
- POZZOBON, A. 1997. "Uma odisséia na América". In: Z.F. POZZOBON, *Uma odisséia na América*. Caxias do Sul, EDUCS, 305 p.
- PRATT, M.L. 1999. Pós-colonialidade: projeto incompleto ou irrelevante? In: L.E. VÉSCIO; P.B. SANTOS (org.), *Literatura & História*. Bauru, EDUSC, p. 17-54.
- RIGHI, J.; BISOGNIN, E.; TORRI, V., 2001. *Povoadores da Quarta Colônia*. Porto Alegre, EST, 696 p.
- SANTOS, I.M.F.dos. 1995. Escritura da voz e memória do texto: abordagens atuais da literatura popular brasileira. In: Z. BERND; J. MIGOZZI. *Fronteiras da literatura*. Porto Alegre, Edufrgs, p. 31-43.
- SAYAD, A. 1998. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, EDUSP, 299 p.
- SCHMIDT, R.T. 1995. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. In: M.H. NAVARRO (org.), *Rompendo o silêncio. Gênero e literatura na América Latina*. Porto Alegre, EDUFRGS, 191 p.

- SEYFERTH, G. 2004. A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. *Horizontes Antropológicos*, 10(22):148-198.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832004000200007>
- SEYFERTH, G. 2005. Cartas e narrativas biográficas no estudo da imigração. In: Z. DEMARTINI; O. TRUZZI, *Estudos migratórios: perspectivas metodológicas*. São Carlos, EdUFSCAR, p. 13-52.
- SGARANZERLA, C.M. 2001. *A Lei do Silêncio: Repressão e nacionalização no Estado Novo em Guaporé (1937 -1945)*. Passo Fundo/Porto Alegre, EdUPF/EST, 190 p.
- SIMONI, K. 2002. *Sonhar, viver, recordar: Memórias dos nonos de Xavantina (1920-1950)*. Florianópolis, Insular, 128 p.
- SOTTILI, A.M. 1993. *Resíduos*. Flores da Cunha, Maneco, 48 p.
- ELHO, G. 2006. Autoria e criação artística. In: G. SANTOS; G. VELHO (org.), *Artifícios e Artefactos. Entre o literário e ao antropológico*. Rio de Janeiro, 7 Letras, p.135-141.
- WEBER, M. 1994. *Economia e Sociedade*. 3^a ed., Brasília, Unb, vol. 1, 422 p.
- ZANINI, M.C.C. 2005. O Estado Novo e os descendentes de imigrantes italianos: entre feridas, fatos e interpretações. In: C. DAL MOLIN (org.), *Mordaça verde e amarela*. Santa Maria, Palotti, p. 113-128.
- ZANINI, M.C.C. 2006. *Italianidade no Brasil meridional. A construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria, Editora UFSM, 280 p.
- ZUMTHOR, P.; McGARRY, J. 1984. *The impossible closure of the oral text*. New Haven, Yale University Press, p. 25-42.

Submissão: 09/09/2013

Aceite: 26/11/2013